

ESTUDO DA CORRELAÇÃO ENTRE AS HORAS DE TRABALHO E A AUTOMEDICAÇÃO PRATICADA POR ENFERMEIROS

 <https://doi.org/10.56238/arev7n1-046>

Data de submissão: 03/12/2024

Data de publicação: 03/01/2025

Welison da Silva Ferreira Sá

Enfermeiro, Pós graduando em Neurologia
Hospital de Clínicas de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil.
E-mail: welferreirasa@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3633-1675>

Karoline Aguiar Paiva

Enfermeira, Pós graduanda em Atenção à Saúde Mental
Hospital de Clínicas de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil.
E-mail: karoline-paiva23@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7819-4011>

Mariana Ellen Mesquita Carvalho

Enfermeira, Pós- graduanda em Obstetrícia e
Neonatologia, Universidade Ceuma, Maranhão, Brasil.
E-mail: marianaemcarvalho@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7974-7332>

Elane Luiza Costa de Sousa

Enfermeira, Pós graduada em Estratégia e Saúde da Família e
Discente do Programa de Mestrado em Biociências Aplicadas à Saúde,
Universidade Ceuma, Maranhão, Brasil.
E-mail: elaneluizamestrado@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-0588-3917>

Sind Shirlei Porto de Souza

Enfermeira, Pós graduanda em Saúde Mental
Hospital de Clínicas de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil.
E-mail: shirleisind98@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7388-3571>

Caroline dos Reis Lima

Enfermeira, pós graduanda em Gestão Pública,
Faculdade Holística, Curitiba, Paraná, Brasil.
E-mail: carol.enf2019@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-4559-4211>

Wallisson Matheus Brito Pereira

Enfermeiro, pós graduando em Enfermagem na Atenção Primária
com Ênfase na Estratégia Saúde da Família e
Docência para a Educação Profissional e Tecnológica,
Instituto Federal do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil.

E-mail: matheusbritto.enf@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7372-008X>

Camila Guerra Martinez

Pós-doutora pelo Microbial Pathogenesis and Immunology Department (Texas AM), EUA
Universidade Ceuma, Maranhão, Brasil
E-mail: cguerramartinez@outlook.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6116-9182>

RESUMO

O exercício profissional do enfermeiro está fortemente associado as longas jornadas de trabalho, e isto influencia negativamente o seu bem-estar físico, mental e psicológico, portanto, alguns recorrem a automedicação como alternativa para alívio de sintomas. Este trabalho é uma revisão integrativa de literatura de artigos publicados entre 2013 a 2023. A busca foi conduzida pela estratégia PICO e operadores booleanos, utilizando as bases de dados Pubmed, Lilacs, Scielo e Biblioteca Virtual em Saúde. Foram encontrados 276 artigos, dos quais 12 artigos originais foram incluídos conforme grau de elegibilidade. Os critérios de exclusão foram artigos incompletos, que possuíam outra variável além de automedicação, revisões, relatos de casos, duplicatas e artigos que não contemplavam o assunto. Entre os enfermeiros, observou-se forte associação entre automedicação e longos turnos de trabalho, pois a prática alivia inúmeros fatores estressores, principalmente cansaço, sono e dores. Adicionalmente, este comportamento está diretamente ligado a disponibilidade dos fármacos e a autoconfiança por conhecer as drogas e seus efeitos. Foi identificado maior frequência de uso por mulheres, devido principalmente a dupla jornada, profissional e doméstica. O trabalho do enfermeiro exige atenção e destreza, que são prejudicadas por má qualidade do sono e cargas horárias exaustivas. Assim, a automedicação fornece alívio imediato ao profissional, porém com risco de mascarar problemas de saúde mais graves. Logo, evidencia-se a necessidade de um piso salarial com carga horária adequada, campanhas de sensibilização quanto as extensas horas de trabalho e programas que facilitem consultas médicas em prol da otimização da assistência e saúde do trabalhador.

Palavras-chave: Jornada de Trabalho. Automedicação. Enfermeiros.

1 INTRODUÇÃO

A Constituição Federal Brasileira de 1988 prevê que a jornada de trabalho não seja superior a 08 horas diárias e 44 horas semanais (BRASIL, 1988). A jornada que excede esse período de trabalho pode ser prejudicial à vida do trabalhador. Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), mostraram que longas jornadas de trabalho têm aumentado casos de mortes por cardiopatias (CURI, 2021) e acidente vascular cerebral (DESCATHA et al., 2020). No contexto hospitalar, o exercício profissional pode expor colaboradores, principalmente os de enfermagem, a possíveis danos à saúde, de caráter físico, psicológico e social, sobretudo devido aos longos turnos de atividade (SILVA et al., 2019). Em aspecto psicológico, os enfermeiros apresentam sentimentos negativos com relação a si mesmo e à vida, quanto aos danos sociais, pode ter dificuldade nas relações familiares e sociais e perceber isolamento (SILVA et al., 2019). Diante desse cenário, alguns profissionais podem recorrer a automedicação como alternativa para alívio de sintomas durante a atividade laboral. Em 1988, a OMS estabeleceu a automedicação como a seleção e o uso de medicamentos, incluindo chás e produtos tradicionais, por pessoas para tratar doenças autodiagnosticadas ou sintomas (MELO et al., 2021).

Alguns sintomas podem estar possivelmente relacionados a doenças pré-existentes e que não estão sendo tratadas de forma adequada (RIBEIRO; OLIVEIRA; SPOLIDORO, 2018). Porém, a automedicação pode ser uma maneira equivocada e perigosa de autocuidado para alívio imediato ou tratamento de doenças, pois em certos casos há apenas uma suposição pelo próprio paciente (RIBEIRO; OLIVEIRA; SPOLIDORO, 2018). Adicionalmente, alguns dos medicamentos utilizados podem promover alterações estruturais e funcionais em células e, no caso dos antidepressivos, é o suficiente para causar dependência e gerar um estágio inicial de vício (SOUZA et al., 2015).

Quanto a equipe de enfermagem, essa prática pode se iniciar desde o período acadêmico, como evidenciado por Gama e Secoli (2017). Em estudo realizado com estudantes de enfermagem, os autores observaram que a automedicação nos acadêmicos foi influenciada por parentes e amigos (36,4%), uso de prescrições anteriores (30,7%), conhecimento sobre medicamentos utilizados previamente (15,9%) e propagandas em mídias (12,5%). Estudo realizado em Portugal reitera isso ao demonstrar que universitários da área de saúde se sentem autoconfiantes no uso de medicamentos por conta própria, inclusive de antibióticos e apontam como motivo para essa prática as dores e doenças pre-existentes (PEREIRA et al., 1994). Quanto aos medicamentos mais consumidos destacaram-se o paracetamol e dipirona (48,8%), seguidos da cefalexina (6,0%) e complexo B (8,3%), e entre os antimicrobianos, os mais utilizados foram cefalexina (55,6%), amoxicilina (22,2%), ampicilina (11,1%) e azitromicina (11,1%) (OLIVEIRA; TEXEIRA, 2015). Com perfil social pouco variável, a

automedicação é mais prevalente por pessoas do sexo feminino, de faixas etárias mais elevadas, com baixa prática de atividade física, que consome bebidas alcoólicas e que possuem plano de saúde (GAMA; SECOLI, 2017). Os fatores condicionantes dessa postura estão relacionados ao estresse, ao risco de contaminação no ambiente hospitalar e comportamento de risco à saúde (GAMA; SECOLI, 2017).

Em cenário hospitalar, os profissionais de enfermagem relatam que a disponibilidade do medicamento está relacionada a facilidade de consumo, pois fica acondicionado em seu próprio ambiente, sob sua responsabilidade, estando associado ainda à autoconfiança por possuir conhecimento vasto sobre os fármacos e seus efeitos (OLIVEIRA; TEXEIRA, 2015). É evidenciado que aproximadamente 30% dos enfermeiros estão mais propensos a se tornarem dependentes químicos de medicamentos e apresentam alguma síndrome relacionada ao trabalho exaustivo, quando comparados com outros profissionais (OLIVEIRA; TEXEIRA, 2015). Considerando a importância do enfermeiro nas etapas da prática assistencial e os perigos associados a prática da automedicação entre esses profissionais, faz-se necessária a realização do estudo para verificar os principais desencadeadores dessa prática e sua associação com as horas de trabalho. Diante do exposto, o estudo visa analisar a correlação da prática de automedicação e a jornada de trabalho dos enfermeiros.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, realizada durante os meses de fevereiro a maio de 2023 nas bases de dados da Literatura Latino– Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO), National Library of Medicine (NLM) – PubMed e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).

O modelo de revisão integrativa foi escolhido devido à sua ampla capacidade de sintetizar informações de estudos anteriores para encontrar resultados de qualidade que adentrem nas mudanças ao meio. Esse tipo de estudo caracteriza-se pela definição do tema e objetivo; dos critérios para inclusão dos artigos; das informações a serem coletadas nos artigos selecionados; seleção de artigos; análise dos resultados e apresentação da revisão (GANONG, 1987).

O estudo se baseou na seguinte pergunta norteadora “qual a correlação existente entre as horas de trabalho e a automedicação em enfermeiros?”. Para a elaboração da questão foi utilizada a estratégia PICO, acrônimo em inglês, onde P representa pessoa ou população, I representa intervenção a ser considerada, C representa comparação e O representa outcomes, que seria o desfecho/resultado. Esta estratégia está fundamentada pela pesquisa baseada em evidência, que decompõe e caracteriza os problemas clínicos que surgem na pesquisa, assistência ou ensino (SANTOS, PIMENTA e NOBRE,

2007). Entretanto, embora seja frequentemente utilizado, este modelo nem sempre se adapta aos diferentes contextos de saúde, o que o levou a sofrer algumas variações em modelos alternativos (SOUSA et al., 2018).

Na composição do estudo, utilizou-se a estratégia PICo adaptada, onde População (P), Interesse (I) e o Contexto (Co). Este processo é recomendado para a construção de objetos de estudos claros em revisões qualitativas, facilitando a compreensão pelo leitor do foco e escopo do estudo (JOANNA BRIGGS INSTITUTE, 2014). Essa utilização da estratégia PICo consta no quadro 1.

Quadro 1. Implementação da estratégia PICo.

Acrônimo (definição)	Descrição
P (população)	Enfermeiros
I (fenômeno de interesse)	Correlação entre automedicação e jornada de trabalho
Co (contexto)	Atividades laborais exercidas pelos enfermeiros

Fonte: Adaptado de Joanna Briggs Institute (2014).

Para a composição desta revisão foram realizadas buscas por artigos científicos lançados em português e inglês entre os anos de 2013 e 2023, através da utilização dos seguintes descritores: jornada de trabalho, automedicação, enfermeiros obtidos no DeCs e suas respectivas traduções para língua inglesa, como o auxílio de Operadores Booleanos “AND” e “OR” Foram incluídos durante a seleção, artigos originais publicados nos últimos dez anos, com ênfase na correlação entre a prática de automedicação e a jornada de trabalho dos enfermeiros. Foram excluídos artigos duplicados, revisões literárias, relatos de casos, meta-análises e artigos que não convergiam com a proposta dos estudos.

No decorrer do estudo, foi realizada leitura mais detalhada sobre o tema, bem como abordagens relevantes que apontassem para o propósito desta pesquisa como amostra final, e quando convergiram com os critérios estabelecidos, foi feita uma leitura completa, então os dados incluídos foram tabulados para eliminar as produções que não atenderam aos critérios de inclusão.

Os riscos envolvidos nesta pesquisa foram a generalização dos artigos, a confusão dos dados, a condução da pesquisa de forma falha e a má interpretação da leitura. Para minimizar esses erros, utilizou-se 10 questões de triagem adaptadas e análise do nível de evidência dos artigos (OXMAN, COOK e GUVATT, 1994). As questões são demonstradas no Quadro 2.

Quadro 2. Questões de triagem adaptadas

Questões de Triagem Adaptadas
O estudo tem uma questão objetiva e claramente focada?
A revisão inclui o tipo certo de estudo?
Os revisores tentaram identificar todos os bancos de dados possíveis?
Eles avaliaram a qualidade dos estudos incluídos?

Tipo de combinação de resultados foi relevante?
Como os resultados são apresentados, qual é o principal resultado?
Os resultados são precisos?
Os resultados podem ser aplicados à população local?
Todos os resultados importantes foram considerados?
A política ou prática deve mudar com os resultados das provas contidos nesta revisão?

Fonte: Oxman, Cook e Guvatt (1994).

Nessa etapa, procedeu-se a uma avaliação dos estudos, leitura minuciosa dos artigos, sua apreciação e resumo conforme os referenciais teóricos preconizados. Depois disso, houve a apresentação da revisão integrativa, que foi descrita de forma clara, de fácil entendimento e não permitindo ambiguidade ou incoerências. Foi utilizado como instrumento de organização de dados uma tabela que foi elaborada com recurso do programa Microsoft Word versão 2019 e Microsoft Excel 2019 contendo os seguintes itens: ano de publicação, título, autor, base de dados, objetivo e desenho do estudo.

Dos 276 artigos encontrados nas bases de dados LILACS, SciELO, BVS e PubMed, foram excluídos 230 artigos por não atender os critérios de inclusão ou duplicidade. No decorrer da leitura de títulos e resumos foram pré-selecionados 19 artigos, que foram lidos na íntegra, conforme a Tabela 1.

Tabela 1. Identificação dos artigos, exclusão e pré-seleção.

Base de Dados	Identificação dos Artigos	Excluídos	Leitura de títulos e resumos	Excluídos	Artigos préselecionados
LILACS	40	30	10	6	4
SciELO	16	10	6	3	3
PubMed	147	129	18	11	7
BVS	73	61	12	7	5
TOTAL	276	230	46	27	19

Fonte: MARTINEZ; SA, 2023.

A Tabela 2 apresenta-se o quantitativo de artigos que foram selecionados para a revisão integrativa após a leitura do texto completo.

Tabela 2. Quantitativo total dos artigos selecionados para revisão.

Base de Dados	Pré-Selecionados	Excluídos	Selecionados para Revisão	
			Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
LILACS	4	1	3	25,0
SciELO	3	1	2	16,7
PubMed	7	3	4	33,3
BVS	5	2	3	25,0
TOTAL	19	7	12	100

Fonte: MARTINEZ; SA, 2023.

Dos artigos selecionados, 25% (n=3) eram do ano de 2020, 16,7% (n=2) do ano de 2022, 16,7% (n=2) do ano de 2021, o restante contemplava 41,7% dos anos de 2019, 2018, 2016, 2015 e 2013. Seguindo a Pirâmide de Evidência Científica, o nível de evidência dos artigos em sua maioria foi IV (91,7%), seguidos do nível II (8,3%). Artigos nível IV apresentam opinião de especialistas, baseadas na experiência clínica, estudos descritivos ou relatórios de Comitês de Peritos, enquanto o nível II trata-se de uma evidência obtida de ao menos um estudo adequadamente controlado e randomizado. Todos artigos foram considerados válidos e com qualidade para a revisão integrativa proposta.

3 RESULTADOS

Os artigos foram analisados conforme: ano de publicação, título, autores, base de dados, objetivo e desenho de estudo, como mostra o Quadro 3.

Quadro 3. Artigos selecionados para a revisão. BD - Base de dados

Ano	Título (autor)	BD	Objetivo	Desenho do estudo
2020	Concepções sobre automedicação entre profissionais de enfermagem (MACHADO; SILVA; PEDER, 2020)	BVS	Determinar a prevalência de automedicação em profissionais de enfermagem, bem como, avaliar o perfil epidemiológico destes profissionais e os fatores associados à automedicação entre os mesmos.	Estudo transversal, de caráter descritivo e quantitativo. Realizado por meio de questionários com profissionais de enfermagem em setor público e privado em Nova Aurora – PR.
2018	O impacto do trabalho por turnos nos padrões alimentares e nas estratégias de autocuidado utilizadas por enfermeiros experientes e inexperientes (GIFKINS; JOHNSTON; LOUDOUN, 2018)	PubMed	Examinar diferenças e semelhanças na alimentação escolhas e padrões alimentares de enfermeiras expostas a diferentes tempos de trabalho em turnos, como adaptação de seus padrões alimentares para melhor controlar a fadiga e perda de sono	A metodologia qualitativa foi utilizada para estudar e capturar informações aprofundadas sobre cotidiano de trabalho dos enfermeiros. A abordagem de estudo de caso permitiu a investigação de enfermeiras australianas com experiência limitada e extensa de trabalho por turnos.
2021	Percepções dos Enfermeiros sobre a Carga de Trabalho em Cuidados Intensivos Pediátricos (LEBET et al., 2021).	PubMed	Explorar as percepções dos enfermeiros da unidade de terapia intensiva pediátrica (UTIP) sobre sua carga de trabalho ao cuidar de pacientes gravemente enfermos e administrar terapias protocolizadas.	Este estudo foi incorporado a um ensaio clínico randomizado multicêntrico. Enfermeiros de 35 UTIPs participantes completaram uma pesquisa inicial contendo perguntas sobre suas percepções da carga de trabalho da UTIP em geral.
2021	Fatores estressantes no ambiente de trabalho, falta de sono adequado e dores musculoesqueléticas em gerentes de unidade de enfermagem	PubMed	O objetivo deste estudo foi examinar a correlação entre fatores estressantes no ambiente de trabalho, falta de sono adequado e	Estudo transversal descritivo. O questionário foi enviado eletronicamente a todas as gerentes de unidade de enfermagem feminina (NUM) na Islândia

	(SIGURSTEINSDÓ TTIR et al., 2020).		dor/desconforto em três áreas do corpo.	por meio do sistema de pesquisa de resultados.
2020	Quando e como os enfermeiros do hospital lidam com os estressores diários? Um estudo multinível (MARTÍNEZZARAGOZA et al., 2020).	PubMed	Identificar os preditores momentâneos de coping com abordagem centrada no problema e coping com abordagem centrada na emoção, bem como de procura de apoio social e estratégias de coping de recusa, durante o dia de trabalho em enfermeiros.	Estudo usa design descritivo qualitativo, correlacional e de dois níveis com medidas repetidas. Uma coorte aleatória de 113 enfermeiros foi recrutada nas enfermarias de dois hospitais universitários na Espanha.
2022	Fatores relacionados à dor musculoesquelética de enfermeiros no âmbito hospitalar: estudo transversal (COIMBRA et al., 2022).	SciELO	Analisar a relação entre dor musculoesquelética e variáveis sociodemográficas e laborais de enfermeiros no âmbito hospitalar	Pesquisa transversal, descritiva com 83 enfermeiros de um hospital do Rio Grande do Sul. Avaliadas características sociodemográficas e laborais relacionadas com a dor e analisadas com estatística descritiva e inferencial.
2013	Jornada de trabalho e comportamentos de saúde entre enfermeiros de hospitais públicos (FERNANDES et al., 2013).	SciELO	Analisar diferenças entre os sexos na descrição das jornadas profissional, doméstica e total e avaliar sua associação com comportamentos relacionados à saúde entre enfermeiros.	Trata-se de estudo transversal qualitativo, realizado em 18 hospitais públicos no município do Rio de Janeiro. A coleta de dados se baseou em questionários. Foram considerados os enfermeiros que atuavam na assistência (n=2279).
2021	Trabalho noturno, qualidade do sono e adoecimento de trabalhadores de enfermagem (CATTANI et al., 2021).	LILACS	Analisar fatores associados à qualidade do sono e adoecimento em trabalhadores de enfermagem que atuam no turno noturno	Estudo transversal qualitativo e correlacional realizado em hospital de ensino do Rio Grande do Sul, com uma amostra representativa de trabalhadores de enfermagem com atuação no noturno.
2016	Uso de psicotropicos pelo enfermeiro: sua relação com o trabalho (VIEIRA et al., 2016).	LILACS	Identificar entre os profissionais enfermeiros se fazem uso de medicação psicoativa, sobre a sobrecarga de trabalho e acerca do conhecimento que estes profissionais possuem em relação aos fatores de risco que estão expostos no ambiente de trabalho.	Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo descritivo-exploratória, realizada em um Hospital Filantrópico na cidade de Campo Mourão, Paraná. Participaram da pesquisa 17 enfermeiros (as).
2015	Automedicação: o descuidado de si entre dos profissionais do serviço móvel de urgência e emergência (SILVA et al., 2015).	LILACS	Analisar o consumo e o conhecimento sobre automedicação entre os profissionais atuantes no Serviço Móvel de Urgência e Emergência.	Estudo descritivo com abordagem quantitativa, realizado com 100% dos profissionais do Serviço Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) do município de CajazeirasPB. A coleta de

				dados foi através de um questionário composto por dez questões e o qual foi submetido a teste piloto.
2022	Impacto dos turnos rotativos nos padrões de estilo de vida e estresse percebido entre enfermeiros: um estudo transversal (CHIANG et al., 2022).	BVS	Avaliamos as correlações das características do horário de trabalho, padrões de estilo de vida e estresse percebido entre enfermeiros hospitalares.	Este estudo transversal qualitativo incluiu 340 enfermeiros de dois hospitais de Taiwan. Dados finais de 329 enfermeiras sobre características do horário de trabalho, padrões de estilo de vida e estresse.
2019	Como os enfermeiros lidam com o trabalho por turnos? Uma análise qualitativa de respostas abertas de uma pesquisa com enfermeiras (SAVIC et al., 2019).	BVS	Este artigo explora estratégias comuns empregadas por enfermeiras para lidar com o trabalho em turnos.	Uma pesquisa descritiva qualitativa realizada em 449 enfermeiros que trabalham em turnos em Melbourne, Austrália. As respostas a perguntas abertas sobre estratégias de enfrentamento foram analisadas usando a abordagem de estrutura para análise temática.

Fonte: MARTINEZ; SA, 2023

4 DISCUSSÃO

4.1 CARACTERÍSTICAS DO PERFIL DOS ENFERMEIROS

Dos 12 artigos selecionados para esta revisão integrativa, 41,7% partilham de narrativas que traçam um perfil comum dos enfermeiros, no que está relacionado à automedicação associada a jornada de trabalho. Nestes, foi identificado, que os profissionais atuantes são em sua maioria do sexo feminino, com idade de 30 a 50 anos, casados e com filhos (MACHADO; SILVA; PEDER, 2020; SILVA et al., 2015; COIMBRA et al., 2022; VIEIRA et al., 2016; CHIANG et al., 2022).

Conforme os dados obtidos, há convergência com o perfil encontrado no estudo de Furtado, que demonstra a enfermagem como uma profissão de elevada inserção de mulheres. O perfil de faixa etária encontrada foi que 66,7% tinham entre 31 e 50 anos e 18,5% tinham mais de 50 anos (CARRILO et al., 2013). Outro ponto relevante é a jornada de trabalho sintetizada entre os resultados. Grande parte dos enfermeiros possuem carga horária semanal de 36 a 40 horas, havendo relatos de possuírem outro vínculo empregatício e serem responsáveis por mais de uma unidade assistencial em seu horário de trabalho (MACHADO; SILVA; PEDER, 2020; CATTANI et al., 2021). Esses dados convergem com um estudo prévio, onde constatou-se que a jornada de trabalho de 160 profissionais de enfermagem em uma rede de hospitais de Rio Branco, Acre, estava entre 30 e 40 horas semanais (44%) (MUNIZ et al., 2005). Diante do exposto, a maioria dos enfermeiros (65%) classificou a sobrecarga de tempo como o componente mais importante de sua carga de trabalho, seguida pela sobrecarga cognitiva (22%) e psicológica (13%). O desempenho no trabalho foi o mais escolhido como fator que

contribui para a carga de trabalho, seguido pela demanda cognitiva, pressão de tempo, esforço e demanda física (LEBET et al., 2021). Apesar dos esforços da categoria para reduzir a carga horária e tornar-se menos agressiva, a maioria dos profissionais continuam trabalhando 40 horas semanais.

É importante abordar a disparidade apontada nos estudos entre homens e mulheres. A jornada pessoal masculina é consideravelmente menor, em função de reduzidas atribuições no trabalho doméstico entre eles. Entretanto, ao analisar o impacto do trabalho no grupo feminino, a atividade doméstica é um fator relevante, pois mesmo essa “saída de casa” no contexto histórico-político rumo ao mercado formal de trabalho, as mulheres continuam a ser as principais responsáveis pelos afazeres domésticos e cuidados com os filhos (BARROS; GRIEP; ROTEMBERG, 2009).

Alguns estudos mostraram que a sobrecarga gerada pela dupla exposição de trabalho doméstico e profissional, se associados a outros fatores, podem ser prejudiciais à saúde das enfermeiras (SAVIC et al., 2019). Assim, percebe-se a influência do local de trabalho e a organização do mesmo como mecanismo de ação direta ou indireta nos transtornos psicológicos e físicos do trabalhador, que podem se tornar uma falha na satisfação de necessidades que levam a automedicação.

4.2 AUTOMEDICAÇÃO: INCOERÊNCIA PROFISSIONAL OU OPTAÇÃO DE ALÍVIO?

Os estudos associados à automedicação demonstram que a exaustão favorece o adoecimento físico e mental, o que resulta em sofrimento no trabalho e sinal de alerta para doenças. Foi observado que os múltiplos vínculos empregatícios são considerados como questão de sobrevivência, particularmente entre os que trabalham sob o regime de plantão, devido aos baixos salários que forçam os enfermeiros a uma necessidade de complementação da renda (BARROS; GRIEP; ROTEMBERG, 2009). Adicionalmente, foi evidenciado relatos dos enfermeiros acerca de dores no corpo e problemas musculoesqueléticos associados ao esgotamento físico e mental (CATTANI, et al., 2021).

Esse cenário propicia a prática medicamentosa inadequada. Em estudo realizado com 50 profissionais, entre enfermeiros e técnicos de enfermagem, em Nova Aurora, Paraná, identificou os principais motivos relacionadas à automedicação. Para 54% dos profissionais a dupla jornada foi o principal motivo, 50% destacaram a falta de tempo para ir a uma consulta e 38% responderam a prática do dia-a-dia como fator estimulante (MACHADO; SILVA; PEDER, 2020).

Além da falta de tempo, alguns enfermeiros encontram dificuldades de acesso à saúde e muitos preferem confiar nos conhecimentos adquiridos e na disponibilidade de medicações, buscando soluções imediatas para aliviar os sintomas da dor sem comprometer o ritmo da jornada de trabalho (RIBEIRO; OLIVEIRA; SPOLIDORO, 2018). Similar a essa abordagem, Fernandes et al. (2013) defende que o conhecimento está associado à formação acadêmica, pois permite autoconfiança e

segurança na prática. Além de mascarar a doença, a automedicação pode colocar em risco a saúde dos enfermeiros e agravar os problemas.

A realização das atividades laborais sob efeitos de dor, cansaço, fadiga e sono implicam em déficit na assistência prestada (SIGURSTEINSDÓTTIR et al., 2020). A qualidade do sono foi citada por diversos autores como fator prejudicial à saúde dos enfermeiros, relacionando a dores no corpo, distúrbios biológicos e mau humor, além de alterações físicas como taquicardia, problemas circulatórios e dores nas costas (CATTANI et al., 2021; HASAN; TUMAH, 2018). Há relatos de dependência de medicamentos e álcool para auxiliar na indução do sono; e do uso da cafeína para manter o estado de alerta durante o plantão (DORRIAN et al., 2006). O trabalho do enfermeiro exige atenção elevada, destreza e responsabilidade, que podem ser prejudicadas por má qualidade do sono e cargas horárias exaustivas. Estudo em hospitais nos Estados Unidos, constatou uma carga horária média semanal dos enfermeiros de 35 horas e concluiu que além da ausência de profissional disponível para cuidados, a carga de trabalho excessiva é associada à mortalidade do paciente (TRINKOFF et al., 2011).

4.3 PRINCIPAIS MEDICAÇÕES RELATADAS

Os resultados deste estudo demonstram o uso de medicamentos sem indicação médica como alternativa para picos de estresse, longa jornada de trabalho e dores durante as atividades laborais. Entre os medicamentos mais mencionados estão a dipirona, paracetamol, anti-hipertensivos, ibuprofeno, nimesulida, buscopan, além de psicoativos e relaxantes musculares (MACHADO; SILVA; PEDER, 2020; VIEIRA et al., 2016), com prevalência do uso de analgésicos (TOMASI et al., 2007). Sendo que em 71,9% dos casos foi informando a utilização de apenas um medicamento nos últimos sete dias, enquanto os 28,2% restantes referiram ter utilizado dois ou mais medicamentos (BARROS; GRIEP; ROTEMBERG, 2009).

Além da contribuição para alívio da cefaleia, os analgésicos estão associados a alta prevalência de distúrbios musculoesqueléticos (LEITE; SILVA; MERIGHI, 2007). Este dado é alarmante, uma vez que o uso excessivo de analgésicos por enfermeiros pode ser reflexo de más condições de trabalho, com descanso mínimo, o que resulta à fadiga e a necessidade de automedicação.

5 CONCLUSÃO

Os achados do presente estudo têm função relevante quando se remete a categoria de trabalhadores estudados, fornecendo um panorama pessoal e profissional dos fatores que levam à prática de automedicação.

A automedicação é impulsionada sobretudo pela elevada carga horária semanal do profissional, que chega a superar as 44 horas semanais. Isto ocorre principalmente devido a ausência de piso salarial para a categoria, que obriga o enfermeiro a possuir mais de uma ocupação, inclusive fora da profissão e sem carteira assinada. Um piso salarial digno, com número de horas adequadas não levaria o profissional para essa situação de trabalho exorbitante para sobreviver. Ainda sobre a quantidade elevada de horas trabalhadas, estudos demonstram que a qualidade da assistência acaba sendo prejudicada, sendo comum enfermeiros exercerem suas atividades com dores e sono. A atividade laboral demanda atenção e destreza, o que faz desse diagnóstico algo grave, pois além de colocar a própria vida em risco, coloca também a dos pacientes. Logo, campanhas de sensibilização no ambiente hospitalar alertando para extensas horas trabalhada e excesso de plantões devem ser realizadas.

Apesar de inicialmente a prática da automedicação por parte dos enfermeiros ser tratado como hipocrisia, observa-se que o cenário em que o profissional está inserido o direciona para esse caminho. No caso de mulheres, há afetação ainda maior motivada por compromissos domésticos. Porém, é importante ressaltar que este comportamento vem desde a graduação. Desta forma, as instituições, professores e disciplinas precisam avançar na sensibilização dos alunos para coibir a prática para que a mesma não chegue até o momento profissional. Se faz necessário ainda criar uma cultura de não normalização de extensas horas, excesso de plantões e turnos de trabalho variados, além de reforçar a importância de boa qualidade de sono, alimentação e prática de atividade física. Fundamental ainda programas que facilitem consultas médicas dos enfermeiros e com estímulos, como folga ou férias remuneradas para a realização da consulta. A automedicação leva os profissionais de enfermagem a colocar sua saúde em risco, uma vez que a prática pode mascarar doenças mais sérias e levar ao abuso de substâncias, gerando quadros de dependência química. Esta falta de tempo do profissional faz com que ele negligencie sua própria saúde enquanto auxilia na saúde dos outros. É necessário cuidar de quem cuida.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Aline Reis Rocha; GRIEP, Rosane Harter; ROTEMBERG, Lúcia. Automedicação entre os trabalhadores de enfermagem de hospitais públicos. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 17, n. 6, 2009.
- BRASIL. Constituição Federal Brasileira de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 13 abr. 2023.
- CARRILO, Carlos et al. Influencia del género y edad: satisfacción laboral de profesionales sanitarios. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 21, n. 6, 2013.
- CATTANI, Ariane Naidon et al. Trabalho noturno, qualidade do sono e adoecimento de trabalhadores de enfermagem. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 34, 2021.
- CHIANG, Shang-Lin et al. Impact of rotating shifts on lifestyle patterns and perceived stress among nurses: a cross-sectional study. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, Basileia, v. 19, n. 9, p. 5235, abr. 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35564629/>. Acesso em: 10 maio 2023.
- COIMBRA, Cíntia Schultz et al. Fatores relacionados à dor musculoesquelética de enfermeiros no âmbito hospitalar: estudo transversal. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 43, 7 jul. 2022.
- CURI, Michel. Longas jornadas de trabalho podem aumentar as mortes por doenças cardíacas e derrames, de acordo com a OIT e a OMS. *OIT*, Brasília, maio 2021. Disponível em: https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_792828/lang--pt/index.htm. Acesso em: 12 set. 2022.
- DESCATHA, Alexis et al. The effect of exposure to long working hours on stroke: a systematic review and meta-analysis from the WHO/ILO joint estimates of the work-related burden of disease and injury. *Environment International*, Amsterdam, v. 142, p. 105746, set. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.envint.2020.105746>. Acesso em: 12 set. 2022.
- DORRIAN, Jillian et al. Um estudo piloto sobre as implicações de segurança do sono e das horas de trabalho de enfermeiras australianas. *Chronobiology International*, Londres, v. 23, p. 1149-1163, 2006. Disponível em: <http://orcid.org/000-0002-6485-1643>. Acesso em: 10 maio 2023.
- FERNANDES, Juliana da Costa et al. Working hours and health behaviour among nurses at public hospitals. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 21, n. 5, p. 1104-1111, set. 2013.
- GAMA, Abel Santiago; SECOLI, Silvia Regina. Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. e65111, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rngenf/a/HQm9Gzwn68wWrB7wtWR4FMQ/?lang=pt>. Acesso em: 3 mar. 2023.
- GANONG, Lawrence H. Integrative reviews of nursing research. *Research in Nursing & Health*, Hoboken, v. 10, n. 1, p. 1-11, fev. 1987. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/nur.4770100103>. Acesso em: 2 mar. 2023.

GIFKINS, Jane; JOHNSTON, Amy; LOUDOUN, Rebecca. The impact of shift work on eating patterns and self-care strategies utilised by experienced and inexperienced nurses. *Chronobiology International*, Londres, v. 35, n. 6, p. 811-820, maio 2018.

HASAN, Abd Alhadi; TUMAH, Hussein. The correlation between occupational stress, coping strategies, and the levels of psychological distress among nurses working in mental health hospital in Jordan. *Perspectives in Psychiatric Care*, Hoboken, v. 55, n. 2, p. 153-160, maio 2018.

JOANA BRIGGS INSTITUTE. Reviewers. *The Joanna Briggs Institute*, Adelaide, v. 39, 2014.

LEBET, Ruth M. et al. Nurses' perceptions of workload burden in pediatric critical care. *American Journal of Critical Care*, Aliso Viejo, v. 30, n. 1, p. 27-35, jan. 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33385203/>. Acesso em: 10 maio 2023.

LEITE, Patricia Campos; SILVA, Arlete; MERIGHI, Miriam Aparecida Barbosa. A mulher trabalhadora de enfermagem e os distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 287-291, jun. 2007.

MACHADO, Jean; SILVA, Carmem M. da; PEDER, Liana D. de. Concepções sobre automedicação entre profissionais de enfermagem. *Revista Brasileira de Pesquisa em Ciências da Saúde*, Pelotas, v. 7, n. 13, p. 10-15, ago. 2020.

MARTÍNEZ-ZARAGOZA, Fernandez et al. When and how do hospital nurses cope with daily stressors? A multilevel study. *PLOS ONE*, San Francisco, v. 15, n. 11, p. e0240725, nov. 2020.

MELO, José Romério et al. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 37, 2021.

MUNIZ, Paula T. et al. Adoecimento dos enfermeiros da rede hospitalar do Rio Branco-ACRE-Brasil. *Online Brazilian Journal of Nursing*, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 32-41, 2005. Disponível em: https://www.academia.edu/78704301/Adoecimento_dos_Enfermeiros_da_Rede_Hospitalar_de_Rio_Branco_Acre_Brasil. Acesso em: 10 maio 2023.

OLIVEIRA, Alessandro Fábio; TEIXEIRA, Enéas Rangel. Concepções sobre o uso da automedicação pelos trabalhadores de enfermagem em terapia intensiva oncológica. *Revista de Enfermagem UFPE*, Recife, v. 10, n. 1, p. 24-31, out. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/10917>. Acesso em: 2 mar. 2023.

OXMAN, Antony D.; COOK, Dian J.; GUYATT, Ghuy H. Users' guides to the medical literature. VI. How to use an overview. *JAMA*, Chicago, v. 272, n. 17, p. 1367-1371, maio 1994. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/7933399>. Acesso em: 2 mar. 2023.

PEREIRA, Jéssica Quintão et al. Use of antibiotics by adults: a population-based cross-sectional study. *Medicina (São Paulo)*, São Paulo, v. 136, n. 5, p. 407-413, 2018.

RIBEIRO, Leticia dos Santos; OLIVEIRA, Camila Batista; SPOLIDORO, Fábio Veiga. Automedicação entre estudantes e profissionais da enfermagem. *Revista Enfermagem em Evidência*, Bebedouro, v. 2, n. 1, p. 15-27, 2018. Disponível em: <https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/enfermagemem evidencia/sumario/74/17122018184657.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2023.

SANTOS, Cristina Mamédio da Costa; PIMENTA, Cibele Andrucio de Mattos; NOBRE, Moacyr Roberto Cuce. The PICO strategy for the research question construction and evidence search. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 15, n. 3, p. 508-511, jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/CfKNnz8mvSqVjZ37Z77pFsy/?lang=pt>. Acesso em: 10 maio 2023.

SAVIC, Michael et al. How do nurses cope with shift work? A qualitative analysis of open-ended responses from a survey of nurses. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, Basileia, v. 16, n. 20, p. 3821, out. 2019.

SIGURSTEINSDÓTTIR, Hjördis et al. Stressful factors in the working environment, lack of adequate sleep, and musculoskeletal pain among nursing unit managers. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, Basileia, v. 17, n. 2, p. 673, jan. 2020.

SILVA, Alexandre et al. Automedicação: o descuidado de si dos profissionais do serviço móvel de urgência e emergência. *C&D – Revista Eletrônica da Fainor*, Vitória da Conquista, v. 8, n. 2, p. 125-140, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/318457237_AUTOMEDICACAO_o_descuidado_de_si_entre_dos_profissionais_do_servico_movel_de_urgencia_e_emergencia. Acesso em: 2 mar. 2023.

SILVA, Rosângela et al. Sonolência diurna excessiva e os danos à saúde em trabalhadores de enfermagem de clínica cirúrgica. *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 28, p. e20170455, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/SWSqX3wVfWdp9K9LQyPPHgF/?lang=pt>. Acesso em: 2 mar. 2023.

SOUSA, Lyan et al. Frameworks to research question un evidence-based practice. *Revista Investigación en Enfermería*, Cidade do México, v. 2, n. 23, p. 31-39, 2018.

SOUZA, Anna Esther et al. Os efeitos dos antidepressivos no organismo. *Revista UNILUS*, Santos, nov. 2015. Disponível em: <http://revista.unilus.edu.br/index.php/ruep/article/view/343/u2015v12n28e343>. Acesso em: 15 abr. 2023.

TOMASI, Eduard et al. Condições de trabalho e automedicação em profissionais da rede básica de saúde da zona urbana de Pelotas, RS. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 66-74, 2007.

TRINKOFF, Alison M. et al. Nurses' work schedule characteristics, nurse staffing, and patient mortality. *Nursing Research*, Aliso Viejo, v. 60, n. 1, p. 1-8, jan. 2011.

VIEIRA, Graziela Clementina Galvani et al. Uso de psicotrópicos pelo enfermeiro: sua relação com o trabalho. *Cinergis*, Ijuí, v. 17, n. 3, 30 set. 2016